

CHIARA FRUGONI

Vida de um homem: Francisco de Assis

Prefácio

Jacques Le Goff

Tradução

Federico Carotti

Copyright © 1995 by Giulio Einaudi editore s. p. a., Turim
Copyright do prefácio © 1999 by Hachette, Paris

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Vita di un uomo: Francesco d'Assisi

Capa

Mariana Newlands

Foto de capa

São Francisco pregando aos pássaros, Giotto di Bondone, afresco, c. 1296-97.
Basilica Superior de São Francisco de Assis, Itália/ The Bridgeman Art Library/ Getty Image

Preparação

Vanessa Barbara

Revisão

Ana Luiza Couto

Marina Nogueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Frugoni, Chiara

A vida de um homem : Francisco de Assis / Chiara Frugoni;
prefácio Jacques Le Goff ; tradução Federico Carotti — São Paulo :
Companhia das Letras, 2011.

Título original: Vita di un uomo : Francesco d'Assisi.
ISBN 978-85-359-1865-6

1. Francisco de Assis, Santo, 1181 ou 2-1226 2. Santos cristãos -
Biografia I. Le Goff, Jacques. II. Carotti, Federico. III. Título.

09-08052

CDD-895.635

Índice para catálogo sistemático:

1. Santos cristãos : Biografia

270.092

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

*À mãe e avó Pia,
perto de um pequeno lago.*

Sumário

Prefácio — <i>Jacques Le Goff</i>	9
1. Infância e juventude	15
2. O afastamento	31
3. É isso que quero! É isso que peço!	53
4. Os companheiros, as primeiras regras, Clara	77
5. Damietta e Greccio	102
6. Os estigmas: descoberta autêntica, relato piedoso ou invenção ousada?	126
7. O adeus	153
Nota bibliográfica	167
Lista das ilustrações	171

1. Infância e juventude

“Havia em Assis, no vale de Spoleto, um homem chamado Francisco”: assim começa a narrativa de Tomás de Celano, o primeiro biógrafo do santo. O que para nós parece um início ao estilo “era uma vez” pretendia ser, muito pelo contrário, uma referência erudita; Tomás era um frade muito culto e, na verdade, quis lançar mão de um belo início, reproduzindo da Bíblia o começo do livro de Jó: “Havia na terra de Hus um homem chamado Jó”.

Francisco morreu na madrugada do dia 3 para o dia 4 de outubro de 1226. Tomás de Celano recebeu do pontífice Gregório IX o encargo de escrever sem demora a *Vida*, que deveria estar pronta para a cerimônia de canonização em 16 de julho de 1228, quando Francisco foi oficialmente santificado. O papa, junto com os cardeais, terminado o exame de todos os milagres ocorridos durante a vida do santo e após sua morte (“testemunham-se, discutem-se, verificam-se e aprovam-se!”), foi a Assis e proclamou, no cumprimento de sua grandiosa função: “Em louvor e glória de Deus onipotente, Pai e Filho e Espírito Santo, e em honra da Igreja romana, enquanto veneramos na terra o beatíssimo padre Francisco, que o

Senhor glorificou nos céus, depois de reunir o parecer de nossos irmãos [os cardeais] e dos outros prelados, decretamos que seu nome seja inscrito no catálogo dos santos e se celebre a festa no dia do aniversário de sua morte”. Tomás conseguiu concluir o trabalho com um pequeno atraso ou, mais provavelmente, acrescentou a segunda e a terceira partes, curtíssimas, após assistir em Assis à solene festa de canonização de Francisco.

Nosso biógrafo apresenta Francisco quando está com cerca de 25 anos, isto é, já próximo da conversão, pois é a partir desse momento que, para os admiradores devotos, interessa conhecer os detalhes e informações: com efeito, Tomás não narrou uma vida completa, mas apenas sua segunda metade, a do jovem homem preparando-se para se tornar santo e tendo se tornado santo: imediatamente famoso, discutido e inquietante.

Assim, nada sabemos sobre o menino e o rapaz: podemos recolher aqui e ali alguns detalhes que o autor ou, depois dele, outros autores nos deixaram; conseguimos entrever o pequeno morador de Assis em alguns traços, em certas escolhas e atitudes mentais do santo adulto, mas para esses primeiros anos temos de recorrer, vez por outra, a um grau razoável de imaginação. Começemos, porém, pelas informações.

Na *Legenda trium sociorum* [Legenda dos três companheiros], isto é, Ângelo, Rufino e Leão, alguns de seus melhores amigos (na Idade Média, *lenda* ou *legenda* significa apenas o que está literalmente contido na palavra: narrativa escrita destinada à leitura), vimos a saber que Francisco, nascido quando o pai, comerciante de tecidos, estava na França, recebera da mãe o nome de João; o pai, porém, tendo voltado nesse meio-tempo, começou a chamar o filho de “o Francisco”, isto é, “o francês”. Evidentemente foi um apelido bem oportuno, e o filho, mesmo crescido, aceitou que todos o chamassem de tal maneira; assim, este poderia ser o primeiro indicador de uma certa atitude ousada e provocadora de Fran-

cisco, consciente de estar destinado a sobressair e se distinguir entre os contemporâneos e, portanto, plenamente de acordo a que lhe coubesse um apelido.

Apenas as fontes tardias e não muito seguras afirmam que a mãe (Pica?, Giovanna?, nem mesmo seu nome é absolutamente certo) era uma nobre de origem francesa. O marido, Pietro de Bernardone, teria pretendido, num gesto de afeição, evocar o país da esposa no nome do filho; assim, seria possível compreender com clareza por que Francisco gostava tanto de se expressar em francês, se tal era de fato a língua materna de sua infância. É uma boa explicação para um nome que, naquela época, ainda era muito raro (“singular e insólito”, observa Tomás de Celano), mas, embora preferida pelos diretores de cinema que tantas vezes narraram a história de Francisco, não tem bases sólidas. Depois aventou-se que a intenção do pai, com aquele nome, seria agourar ao filho um futuro risonho e fartos lucros, mediante a lembrança dos bons negócios feitos nas terras da França enquanto o recém-nascido vinha à luz. Ou pode-se pensar que Pietro, por um complexo de inferioridade em relação aos nobres de antiga linhagem, quis distinguir o filho com uma denominação especial e única em sua família de mercador humilde e enriquecido.

Mas pode ser que o apelido tenha sido dado a Francisco já em idade adulta, devido ao entusiasmo com que lia, naquela época necessariamente em francês, as canções de gesta, os romances de Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda. Tais relatos que enalteciam o valor dos combatentes, o amor desinteressado pela bela dama, a lealdade, a generosidade, a cortesia, as virtudes que, então, pertenciam idealmente aos nobres e aos cavaleiros, exerceram sobre o jovem Francisco uma profunda impressão — como veremos, duradoura —, e logo o fariam considerar sufocante o armazém repleto de tecidos, além de mesquinhos os discursos do pai e do irmão Ângelo, com suas atenções concentradas em contas e lucros.

Existiam, para além da pequena Assis, imensas florestas cheias de sombras e de aventuras, castelos de reis e rainhas, e principalmente a liberdade dos cavaleiros errantes, à vontade para seguirem seus próprios sonhos.

Quando pequeno, Francisco foi mandado a uma escola próxima de casa, junto à igreja de San Giorgio, a mesma igreja onde seria provisoriamente sepultado algumas décadas mais tarde; ela foi destruída (resta uma lembrança no claustro de Santa Chiara), depois reconstruída e posteriormente transformada na atual capela do Santíssimo Sacramento, sempre na basílica de Santa Chiara.

Como livro de leitura usava-se o saltério, isto é, a coletânea em latim de alguns salmos e orações (como *Pater*, *Ave* e *Gloria*) que as crianças decoravam: aprender a ler sob a severíssima orientação do professor — a vara estava sempre à mão — significava aprender também uma outra língua, o latim, e começar a receber uma instrução religiosa. Francisco provavelmente brincava na pracinha do átrio em frente. De fato, as crianças e os adultos daquela época passavam muito tempo na rua, pois as casas eram pequenas e oprimidas pelo cinturão dos muros, o que os obrigava a considerar o espaço como algo muito precioso.

Devia ser bom ficar ao ar livre e gozar, mesmo sem o saber, da paisagem em torno de Assis. O verde dos prados, dos bosques e dos olivais se mesclava no verão aos campos de trigo maduro, às manchas coloridas das flores. No ar, o forte som dos sinos se sobrepunha às vozes e gritos dos homens, marcando o tempo da oração e do trabalho. Os arautos com as trompas passavam de vez em quando para anunciar as decisões das autoridades; havia apresentações esporádicas de saltimbancos e menestréis com pífaros, violas e tambores. Esses não eram os únicos sons da cidade; o ranger das rodas das carroças e os cascos dos cavalos golpeando as pedras se misturavam às vozes de diversos animais: gansos, galinhas, ovelhas, cabras, porcos e vacas. Os cavalos, ao olhar de um

menino, são animais gigantescos, e justamente por isso é ainda mais bonito conseguir domá-los: Francisco os via passar montados por nobres com vestes preciosas e cores vibrantes, que à sua imaginação deviam parecer heróis e paladinos. Provavelmente ele também devia brincar de cavaleiro com um cabo de vassoura. Talvez tenha construído um cavalo de rodas para levar ao torneio (fig. 2), e à noite, ao fazer suas orações, em vez de rezar para ser um menino melhor, quem sabe não pedia a Deus um lindo cavalo de verdade (fig. 1).

Em 1160, cerca de vinte anos antes do nascimento de Francisco, em 1181 ou 1182 (só podemos calcular a data de seu nascimento a partir da época de sua conversão, que nos é indicada pelas fontes de maneira aproximada), o imperador Frederico I — o Barba-Ruiva —, não podendo contar plenamente com a lealdade do tio, Guelfo VI da Bavária, duque de Spoleto e da Tuscia, decidira subtrair de seu poder uma localidade estrategicamente importante como Assis e os territórios do entorno. A cidade, de fato, constituía a ponta daquele ducado que se estendia em direção a Perugia, porém era protegida pela Igreja. Delimitou-se um condado, que foi confiado à própria Assis, a qual, dessa forma, viu-se em condições de gozar de autonomia no interior do ducado, logo conseguindo lançar as bases de suas instituições comunais. No entanto, o império continuou a ter em Assis uma presença visivelmente ameaçadora, a saber, a grande fortaleza que a protegia — por antonomásia, “a Cidadela” —, onde morou Barba-Ruiva entre 1177 e 1186, como sabemos por três documentos escritos.

Não nos deteremos nas contínuas lutas que, num imbróglio de autoridades e direitos, travaram os imperadores suevos, as cidades italianas incipientes e depois consolidadas, e o papado, que, a partir de Inocêncio III (papa desde 1198, morto em 1216), iniciou uma enérgica política de recuperação das terras e liberdades eclesiásticas.

Em 1197, com a morte inesperada de Henrique VI, filho de Barba-Ruiva, o poder imperial na Itália central se desagregou. Em Assis a intenção foi derrotá-lo por completo, e em 1198 a Cidadela onde se alojava a guarnição alemã foi atacada e destruída. Explodiram também as tensões entre as camadas sociais da cidade nascente. Foram, de fato, os *homines populi*, a plebe e a nova burguesia mercantil, que se insurgiram contra os *boni homines*, os “homens de bem” e os cavaleiros descendentes da velha nobreza feudal, provavelmente a serviço do imperador e, portanto, leais a ele, que tinham residências fortificadas no interior da cidade e castelos no lado de fora. Parte dos *boni homines* foi morta, outra parte precisou fugir, e os fugitivos tiveram de se abrigar nos castelos do condado, enquanto suas casas/torres em Assis eram derrubadas e incendiadas. Ao mesmo tempo, organizou-se a defesa, construindo-se a toda pressa os fortins ao redor da cidade. Nesta altura, o jovem Francisco, então com dezessete anos, já pode ter combatido ao lado do “povo”, conhecendo ao vivo — não mais apenas nas miniaturas coloridas — a violência e o horror das feridas e das mutilações, vendo a morte de amigos, crianças, homens e mulheres de sua Assis. Mas também pode ter aprendido a construir muros e erguer paredes, adquirindo a habilidade manual e as técnicas de construção que lhe seriam úteis mais tarde, ao se dedicar, no início da conversão, à restauração de igrejas e capelas em ruínas.

Após essas batalhas, algumas famílias nobres foram se refugiar na inimiga Perúgia, a qual, por ódio a Assis, acolheu-as de bom grado (entre elas a família de Clara, a futura santa). A guerra extrapola a cidade e torna-se uma contenda entre Assis e Perúgia. A batalha de 1203, travada na ponte San Giovanni sobre o Tibre, terminou mal para Francisco e os habitantes de Assis: capturado com vários concidadãos, ele acabou nos cárceres inimigos, onde permaneceu por mais de um ano. No entanto, este insólito prisioneiro, “sendo senhorial de modos e costumes, foi trancafiado junto com os nobres”.

Se Francisco aprendera a manejar armas, a combater a pé ou a cavalo, não podia, no entanto, dedicar seu tempo a tais atividades, ao contrário dos jovens nobres de Assis, que nelas encontravam sua principal ocupação e exercício. Ele tinha de trabalhar na loja, para obviamente tornar-se um bom comerciante, mas aspirava a mudar de vida e de classe social pelos méritos conquistados em combate e, por que não?, por meio do casamento com uma nobre de nascença.

Segundo os *Três companheiros*,

quando ficou adulto, de inteligência muito vivaz, exerceu a arte paterna ao vender tecidos, mas com um estilo completamente diferente, porque era muito mais alegre e generoso do que o pai. Gostava de cantar e se divertir, de passear durante o dia e à noite com um grupo de amigos: mão aberta, gastava em banquetes todo o dinheiro que ganhava ou conseguia arranjar. Os pais o censuravam com frequência: gastava tanto consigo mesmo e com os amigos que nem mais parecia filho deles, e sim de algum grande príncipe. Contudo, como eram ricos e o amavam com muita ternura, eram indulgentes e acabavam deixando-no agir assim por não querer desagradá-lo. Não só Francisco era pródigo em festas e divertimentos, aliás, mais que pródigo, seria melhor dizer perdulário, como também ultrapassava todos os limites ao vestir-se de modo excessivo, com tecidos mais caros e suntuosos do que seria conveniente para alguém de sua condição social. Gostava tanto de parecer excêntrico e original que mandava costurar numa mesma roupa tecidos preciosos junto com outros de nenhum valor.

Aos comentários dos vizinhos surpresos e espantados com tanta prodigalidade, a mãe respondia ressabiada, tomando a defesa do filho, que era o seu predileto.

Cortesia e liberalidade, as virtudes da aristocracia, são as que

Francisco decide cultivar e tomar como modelo, adotando para si a ideologia cavaleiresca. São virtudes que não lhe pertencem de berço “e, no entanto, era por natureza gentil nos modos e no conversar; tinha determinado a si mesmo jamais dirigir a ninguém injúrias ou palavras vulgares; mesmo sendo um jovem brilhante e que amava as mulheres, estabeleceu para si jamais responder a quem lhe falasse de modo grosseiro ou lascivo. Assim sua fama se difundiu dentro e fora de Assis, e de tal maneira se consolidou que muitos amigos ou conhecidos tinham a certeza de que o aguardava um grande futuro”. Além do mais, sendo comerciante, tinha um fraco por dilapidar seus bens; doava aos pobres com gosto e generosidade. Nessa fase da vida, Francisco é movido não pela compaixão pelos mais fracos, e sim pelo código social dos amigos nobres, modelo meticulosamente adotado como se fosse uma lição a decorar.

Um dia, apareceu na loja um mendigo pedindo caridade pelo amor de Deus, num momento em que Francisco estava muito ocupado vendendo tecidos. O rapaz negou-lhe a esmola, tomado pelo desejo de lucro e pelo negócio que estava em vias de finalizar. Mas imediatamente, como que tocado pela graça divina, arrependeu-se daquele gesto rude dizendo a si mesmo: “Se aquele pobrezinho tivesse me pedido auxílio em nome de um grande conde ou barão, certamente eu o teria atendido. Com maior razão deveria tê-lo atendido, por respeito ao Rei dos reis e ao Senhor de todos!

Em quantas canções de gesta, o catecismo dos laicos de alta linhagem, Francisco não teria lido que é preciso praticar a *largesse*, isto é, a liberalidade e a generosidade, ou conselhos como os que, em *Garin le Lorrain* (século XIII), são dispensados ao jovem Fromont, filho de duque: “Agora cumpre esporear, e honrar os nobres cavaleiros. Doar aos pobres peles de raposa e arminho: é ao doar que um homem de valor se eleva”. Em *Le Roman des eles* [O romance

das asas], de Raoul de Houdenc (c. 1170-1230), explica-se que, para voar alto, o “Valor” deve se prover de duas asas, justamente a “Liberalidade” e a “Cortesia”.

Durante a longa crise que antecedeu sua conversão, Francisco cumpriu uma peregrinação a Roma. Entrando em São Pedro e parecendo-lhe demasiado modestas as esmolas, em trocados e moedinhas, doadas ao Príncipe dos Apóstolos, que, segundo ele, devia ser “adorado com magnificência”, lançou com ímpeto um punhado de moedas ao chão; com o estardalhaço, elas despertaram o assombro dos presentes. Mais um gesto exagerado para provocar admiração, mesmo que no campo da devoção religiosa, porém com a ideia de honrar um santo por ser um grande príncipe: era justamente este o ideal de Francisco, como amiúde lhe censuravam os pais.

O jovem comerciante pretendia transformar a nobreza dos modos em nobreza de posição social, e nunca deixou de sofrer com sua origem, como se carregasse uma marca indelével. Quase no final da vida, doente e coberto de chagas, ele desceria de um asno, tendo adivinhado os pensamentos do companheiro que o seguia a pé: “Não é justo, irmão, que eu vá a cavalo em vez de ti, porque, quando vivias no mundo, eras muito mais *nobre* e poderoso do que eu”. Até a ostentação na vestimenta, imitando a moda do *mi-parti*, a roupa com a frente dividida no meio, feita com tecidos finos de duas cores, possui um toque de atrevimento e provocação. Francisco manda remendar tecidos preciosos com outros baratos e grosseiros: uma forma de se distanciar dos hábitos familiares sem ousar renegá-los totalmente. Uma excentricidade duradoura: mais tarde, já líder de uma comunidade, ele iria prescrever que o hábito dos frades fosse feito com remendos de todos os tipos de tecidos; em seu burel iria sobressair também uma pele de raposa, para mostrar *do lado de fora* sua irmã, costurada no interior para aliviar a dor do baço doente.